

Salomão Rovedo

Arte de Criar Periquitos,



*Púlcara Erótico
e outros contos incompletos
(Contos)*

*Disponibilizado para download gratuito por Belaspalavras.com em 2007
Com autorização do autor*

Rio de Janeiro

2006

CONTOS, DESCONTOS...

Comecei a escrever estes contos instigado pela leitura de uma resenha que destacava uma frase mais ou menos assim: *O conto tem que ser como uma porrada, um direto de Mike Tyson*. A frase queria provocar um choque, impacto, porrada.

Depois do susto, fiquei matutando sobre o significado de tentar sistematizar qualquer tipo de arte.

Pelo que sei, o conto é um gênero literário que tem a qualidade de trilhar por vias alternativas: vai pelo teatro, TV, cinema com um orgulho que machuca muita gente.

O conto – tão maleável como o pudim – tem dimensões físicas indeterminadas. Em sua grandeza pode beirar a novela ou ser tão curto quando o aforismo...

Pois, depois de tanto tempo sem escrever estórias curtas, o resenhador bem que conseguiu me atijar.

Resolvi escrever contos cujo limite é pegar um quarto da vida dos subúrbios, pedaços de viveres pacíficos, fotografias pacatas do cotidiano, o caminhar de gente que se consome na monotonia de folhinha, dia após dia.

A temática também transita por um assunto insólito: o registro imaginário dos dias imediatos à morte de alguém. Alguém que morre, mas continua vivendo espiritualmente no meio da gente. Seja na presença da memória, na visão dos lugares que freqüentou, seja nos passantes e vizinhos com quem conviveu, na ocorrência dos fatos, nos guardados das pessoas que viviam ao redor.

É a materialização da imortalidade pequena, de se fiar na lembrança dos outros, nos risos dos acontecidos, nos amores que deixou, nas pequeninas coisas: um cão que ficou sem dono, uma assinatura de jornal não renovada, as dívidas penduradas nos botequins, contas no armazém e na farmácia, as *facadas* dadas, uma cadeira vazia.

Transitar por essas ilusões – na verdade um manancial temático a ser explorado – é concretizar, sem porradas nem guerrilhas, a imortalidade oferecida sem delongas, aqui e agora.

Tomara que esta idéia, sem metafísica nem espiritismo (e sem pedir socorro a Mário de Andrade), sirva para enriquecimento do tema.

Contos incompletos

- O universo pequeno, pg. 5
- Viajantes de mesa de bar, pg. 6
- Ainda sonha com os mortos, pg. 8
- Rosalinda, pg. 10
- O mecânico de F1, pg. 11
- Oito e meio, pg. 12
- O imortal, pg. 13
- Magda, pg. 14
- As irmãs Adelaide, pg. 16
- Fausto, pg. 18
- D^a Adília Centenária, pg. 19
- Tipo assim, a paixão (versão 1), pg. 20

Púlcara erótico

- Carla & Alice, pg. 25
- Lucynara, pg. 26
- Nininha, pg. 27
- Gisele, pg. 28
- Anita, pg. 29

Arte de criar periquitos

- Arte de criar periquitos, pg. 31

CONTOS INCOMPLETOS

- O universo pequeno, pg. 5*
Viajantes de mesa de bar, pg. 6
Ainda sonha com os mortos, pg. 8
Rosalinda, pg. 10
O mecânico de F1, pg. 11
Oito e meio, pg. 12
O imortal, pg. 13
Magda, pg. 14
As irmãs Adelaide, pg. 16
Fausto, pg. 18
D^a Adília Centenária, pg. 19
Tipo assim, a paixão (versão 1), pg. 20

O UNIVERSO PEQUENO

– Não foi Tolstoi que disse “se queres ser universal descreve tua aldeia?”

– Ou Dostoievski, ou Gorki, um desses escritores russos.

– Por isso mesmo penso que o método também se aplica ao ser humano. Não pode ser: “se queres ser universal descreve-te a ti mesmo?”

– Mesmo sem redundância, acredito que sim. No entanto deve-se ter em conta que as narrativas a respeito de nós mesmos só são bem vindas em mesa de bar, como, aliás, neste exato instante.

Estamos, eu e Carlos, bebendo uma caneca de vinho na adega do Adolfo. É sábado e daqui a pouco as pessoas vão chegar para beber cerveja e comer bolinho de bacalhau. Eu e Carlos bebemos duas ou três canecas de vinho, fumamos charuto e conversamos sobre coisas que não interessam a nenhum dos bebedores de cerveja. Devido a essa conjunção de atitudes completamente reversas ao ambiente, somos gratificados com um benéfico isolamento...

Para dizer a verdade, muitos dos bebedores de cerveja são nossos amigos. De bar, claro. E alguns deles já arriscaram a nos interromper para dirimir alguma querela, até o dia em que foram admoestados com uma frase definitiva de Carlos, encerrando discussão a respeito de coisas divinas:

– Não acredito em nada, disse, sou um cientista. “Chesterton” – murmurou depois Carlos ao meu ouvido para determinar a autoria da frase, adotada por ele especialmente para afastar os chatos e inconvenientes.

Nessas ocasiões os olhos azuis de Carlos rebrilhavam de prazer. Ninguém mais se atreveria a interromper nossas elucubrações.

Um desses dias chegou até nós uma moça loura, de cenho franzido e olhar reprovador. Pela cor dos olhos percebi logo: era a filha de Carlos. Veio pegar ele para a festa de aniversário da neta.

Admoestou Carlos na minha frente, mas não ficou minha inimiga quando disse que esperava que a neta tivesse os mesmos olhos azuis que Carlos deixou de herança para ela. Era bonita, mesmo sem sorrir e sem se despedir.

VIAJANTES DE MESA DE BAR

Quando a solidão atacava disfarçada de depressão – ou vice versa, segundo os analistas – o remédio era telefonar para meu amigo Valter, que, por vez dele, vivia em eterna e desesperada depressão depois que a mulher o abandonou levando as duas filhas do casal.

“Não pela mulher, me dizia. Ela bem que pode ir dez mil vezes embora e eu não me importo. Mas levar minhas duas filhinhas, as coisas que mais amo neste mundo?”

Bem, como eu dizia, santa receita para um dia tenso e chato, desses de se atirar pela varanda, era um simples telefonema, que muitas vezes se cruzava na busca por companhia:

– Valter, o que estás fazendo?

Pergunta absolutamente desnecessária, já que Valter era aposentado e estava sempre disponível sem fazer nada.

Quando se aposentou e foi pressionado a contar o que esperava da aposentadoria, o que iria fazer, como os demais que sempre dizem que a aposentadoria vai dar oportunidade de fazer aquilo que realmente gosta de fazer e outras complicações, bem coisas assim, Valter não se deixou envolver por tantas e belas aspirações.

“Não vou fazer absolutamente nada. Andei a vida toda fazendo coisas que gosto e que não gosto, obedeci às ordens do chefe, ordem da mulher, ordem dos amigos e – pior – sem saber dar ordens. Agora que vou aposentar não quero fazer totalmente nada, nem coçar o saco...”

Isso era fácil dizer, mas difícil de incrementar, ainda mais se sabendo que Valter era dado a leituras de autores que vivem viajando, mais espiritual do que fisicamente, Julio Verne, H. G. Welles, Aldous Huxley, de forma que era impossível impedir que as idéias vasculhassem sua cabeça desesperadamente em busca de um lio.

– Nada, por quê? Valter respondia assim que reconhecia a minha voz.

Mas sempre respondia com outra pergunta também desnecessária, pois sabia que eu, apesar de não ser aposentado, quando fiquei desempregado resolvi um dia não fazer mais nada, parar de procurar emprego, vagabundear, viver da benevolência dos amigos e parentes. Estava, pois, sempre disponível também sem fazer nada.

– Estou indo para o Bar do Luiz. 15 minutos.

Dali em diante, sentados frente a frente, os assuntos começavam a brotar, às vezes entremeados de vastos silêncios desérticos e sonhadores.

No entanto, esquecidas as mulheres, as “crianças” (as filhas de Valter já tinham se formado, casado, tido filhos, mas continuavam crianças), tendo sido ultrapassado o primeiro momento de vácuo, depois da terceira cerveja, enfim, a conversa degenerava para assuntos absurdos, que eu – somente muito depois me dava conta – assimilava como reais com uma facilidade surpreendente.

– Estou elaborando um projeto para um amigo e já está de vento em popa.

E assim por diante.

AINDA SONHA COM OS MORTOS

Preciso contar isto.

De uns tempos para cá tenho sido acordado de madrugada ouvindo pancadas na porta.

Eu levanto e vou até a porta ver se é algum dos meus filhos que acaso haviam saído sem levar chave.

Isso acontece principalmente com Letícia, que prefere bater na porta a tocar a campainha que, por ser muito barulhenta, iria acordar todo mundo.

E dessa maneira só eu acordo.

Enfim, vou até à porta, espio pelo olho mágico e nunca vejo ninguém.

Geralmente eu me deito de novo e volto a dormir.

Ultimamente até nem mais perco tempo para ver se chegou alguém. Fico alerta, na expectativa de ouvir uma nova batida para levantar.

Como não acontece nada mesmo, volto a dormir.

Da última vez que isso aconteceu foi agora em janeiro, eu despertei e em vez de ir até à porta fiquei pensando sobre o fato.

O que significava essas batidas?

Que porta era essa?

Quem batia na porta?

Aí pensei muito.

A porta é minha.

É a porta da minha vida.

A porta está fechada.

A porta da minha vida está fechada.

Eu mesmo fechei a porta da minha vida.

Algum dia, por algum motivo, eu fechei a porta da minha vida, deixando muitas coisas de fora.

E agora os meus amigos, os que me conheceram alegre, brincalhão, feliz e sempre com uma perspectiva positiva de tudo que a vida traz, mesmo nos momentos mais difíceis, agora as pessoas que me amam estão batendo, mandando um sinal para que eu abra de novo a porta da minha vida e deixe entrar tudo aquilo que tive junto comigo todo tempo.

Depois dessas reflexões, tomei a seguinte decisão: na próxima vez que eu ouvir as pancadas na porta eu irei lá, mesmo sabendo que não haverá ninguém, abrirei a porta bem escancarada e deixarei entrar tudo de bom que, por minha própria natureza, sempre me pertenceu.

É isso aí...

ROSALINDA

Alberto, o vizinho, representava outro lado do cubo: ex-militar que serviu em quase todas as áreas de fronteira, encerrando carreira na região amazônica. Por causa disso jamais casou, mas é certo que deixou filhos na região de Goiás ou Mato Grosso, onde estava na época da guerrilha do Araguaia. Sobre tais assuntos quase nada falava, mas não fugia à bazófia depois de alguns copos de cerveja, uma ou outra dose de uísque.

De qualquer modo era respeitado por nós dois, eu e Lauro, que servimos o exército só para cumprir obrigação e mal sabíamos manipular armas. Rosalinda, por sua vez, adorava ouvir as histórias de Alberto, não perdia nenhum detalhe nem deixava alguma dúvida para trás.

Se ocorresse o fato de ela não saber de que se tratava, devido às expressões técnicas do calão militar que Alberto tinha por vício, exigia o imediato reparo, o detalhamento até à expressão mais simples para que finalmente entendesse a história. Isso era motivo para que brincássemos sobre a paixão que as mulheres têm por militares, uniformes cheios de medalhas, galões dourados.

Passei pela florista, que apelidei de Violetera. Ela já me conhecia de outras ocasiões e nos cumprimentamos como de praxe. Ela apanhou um maço de rosas das que costumava levar para Rosalinda, mas cortei logo:

“Não, não. Hoje vou levar flores do campo. Quero levar um pouco de alegria a uma triste viúva. Formam um buquê bonito, colorido, bem justo para o efeito que pretendo provocar: vida! A vida continua, não é Violetera? Capricha, faz um arranjo bonito como só você sabe, porque quero receber um sorriso alegre como recompensa.”

De fato eu me sentia bem, cheio de esperança. Já fazia alguns meses que Lauro se foi e era tempo de voltar a freqüentar a casa de Rosalinda. Afinal, agora que ambos estávamos sós, quem sabe não era a chance que o destino dava para caminharmos juntos?

O MECÂNICO DE F1

(Em busca de compreensão para a morte de Ayrton Senna)

Naquela hora, como era comum, havia poucos freqüentadores na cantina La Spezia. A tarde caía, o pouco movimento entre o almoço e a ceia fazia com que os empregados tivessem tempo de se reunirem ao fundo para ver programa de TV. No último horário antes que o movimento reiniciasse, porém, quase todos se levantavam. Era hora do programa sobre automobilismo, que só interessava mesmo a Giacomo. Seus olhos se pregavam diante da tela para ouvir a ver as últimas novidades do automobilismo. A cada notícia ia fazendo comentários em surdina que só ele próprio ouvia, já que todos os demais se afastavam justamente por isso.

(Entre Gênova e Pisa)

Giacomo tinha seus motivos para ser assim tão fanático por grandes prêmios. Foi o único emprego que teve em toda a vida desde que saiu jovem de um vilarejo localizado entre Gênova e Pisa para realizar o sonho de pertencer ao grupo fechado dos pilotos de corrida. Passou pela Fórmula Turismo, fez estágio na Fórmula 3000, serviu de piloto de teste para várias equipes até que se fixou como mecânico com algum renome, o que o fez chegar às grandes equipes de Fórmula 1.

Foi a trajetória de uma vida, toda uma existência dedicada a um sonho e agora, aposentado, terminava como sócio de uma cantina de comidas típicas cuja freqüência oscilava dependendo da temporada. Para chegar até a aposentadoria, porém, teve de passar por momentos de extrema dificuldade, tempos difíceis que ninguém da terra natal tinha conhecimento, porque deles Giacomo jamais disse coisa alguma e nunca se orgulhava.

Nem mesmo quando chegava a casa e via as estantes com alguns dos troféus que recebeu durante a carreira soltava o cenho franzido. Não era de arrependimentos: teve um sonho e literalmente correu atrás dele. Jamais o alcançaram – é verdade – mas os desvios de trajetória trouxeram perdas e ganhos. Entre as perdas mais graves que a lembrança da vida agitada viajando o mundo entre os circuitos de corridas trazia era o fato de não Ter tido tempo de constituir uma família.

Ao invés de sentar-se numa mesa com mulher e filhos gritando, o destino lhe concedeu uma vista espetacular que desfrutava acendendo um cigarro aconchegado na varanda, de onde via as luzes distantes dos navios que passavam indo e vindo para o porto de Gênova. Não deu mesmo e agora encarava o resto de vida sozinho, com uma ou outra namorada temporária, resignado com a presença de empregadas que faziam seus deveres automaticamente, cumpriam suas obrigações sem intimidades, entravam e saíam de casa sem serem pressentidas.

[Quando da morte de Ayrton Senna correu boato que o acidente fora criminoso, no qual alguns pilotos e mecânicos estariam envolvidos]

OITO E MEIO

– Olá oito e meio!

– Alô dez! Como vai?

Pode parecer estranho, mas foi assim que acostumamos a nos cumprimentar depois que fizemos amor pela primeira vez. Estávamos sozinhos na casa de praia, o dia chegou cheio de sol, vento e luz, as férias haviam acabado e todos os habitantes itinerantes haviam ido cuidar de suas vidas. Ficamos sós como dois vagabundos, a praia ficou quase totalmente deserta e havia sido devolvida aos pescadores que nunca tiram férias. E essa coisa de oito e meio surgiu quando ela me pediu que desse nota a uma certa coisa que me havia feito. Aquilo que os italianos chamam de fellatio e que entre nós ninguém chama de felação. Enfim, ela havia me chupado e cometeu a gafe que todos cometem no primeiro dia de amor: perguntas e perguntas.

“De minha parte, por exemplo, eu acho que isto aqui é dez”, ela disse acariciando o meu pau. E tanto insistiu que resolvi também bancar o interessado e taquei: – Oito e meio! Aí foi aquela sessão de protestos fingidos, brincadeiras de parte a parte, muitos risos. Quase tudo foi esquecido, mas ficou o fato se repetindo em forma de cumprimento:

– Alô oito e meio!

– Como vai, dez?

Ela era uma mulher corajosa, não era dessas de ficar sentada na beira da estrada. Era não, é. Estou falando no passado em relação a mim, mas ela está bem viva e decerto atuando na vida de maneira positiva. Foi assim que a conheci e assim a deixei dois ou três anos depois, quando o trabalho que fazia terminou. Se ela conseguiu realizar o seu sonho – e acredito que realizou – deve agora estar atendendo as pessoas numa clínica naturalista, aplicando seus conhecimentos de terapias orientais e seu talento natural na aplicação do Reiki, Shiatsu, Do-In, essas coisas.

Depois que viajei ainda mantive alguns contatos telefônicos com ela e vários outros amigos. Soube que casou, provavelmente teve filhos e vai tocando a vida. Nunca mais tive outra chance de vê-la de novo. Foi uma situação que a gente conhece que a vida traz, mas quando o fato em si acontece, jamais nos lembramos, nenhum anjo nos dá o aviso necessário: “Atenção! Atenção! Esta é uma oportunidade única que o seu Destino está lhe oferecendo. Aproveite, aproveite, porque ela jamais se repetirá.”

O IMORTAL

Quando seu Ramiro fez 75 anos e tentou sair do banho mais lepidamente que o possível para sua idade, levou um tombo que lhe massacrou a bacia, deixando os ossos de tal modo fragmentados que foi impossível aos médicos que o operaram reconstituí-la integralmente.

Apesar dos esforços avançados da medicina, o acidente obrigou-o a manter um tratamento intensivo e permanente, para que a situação não degenerasse ainda mais. Se pelo lado financeiro tudo foi suportado de maneira positiva – o seu Ramiro tinha sido um influente político, conseguindo ao fim da carreira duas volumosas aposentadorias – pelo lado físico a coisa não andou bem. Quem dera que nosso esqueleto respondesse com a mesma eficiência que o dinheiro produz.

Por causa de uma quedinha de nada, desde então nunca mais seu Ramiro conseguiu fazer alguma coisa sozinho. Assim é que ficou seu Ramiro totalmente dependente dos cuidados médicos, provavelmente para o resto de sua vida. A família foi obrigada a contratar uma enfermeira e duas auxiliares para acompanhá-lo em suas obrigações diárias.

A enfermeira, braço direito do médico de seu Ramiro, cuidava de que a medicação fosse dada corretamente, preparava a dieta alimentar, organizava a seqüência dos exercícios fisioterápicos, que objetivavam deixar as juntas de seu Ramiro aceitavelmente vivas e funcionais.

Com o fito de economizar um pouco, para auxiliares, que por sua vez eram encarregadas de executar as orientações médicas e da enfermeira, foram escolhidas duas irmãs, que eram parentas distantes do seu Ramiro que mantinham grande intimidade com a família. Os médicos acharam a escolha excelente, pois o fato de serem íntimas da família iria contribuir para o bom desempenho do tratamento.

(Essa história trata dessa nova profissão formada por pessoas treinadas para tomar conta de idosos – neste caso e pela proximidade, esses profissionais se tornam tão dependentes que é imperioso manter viva a pessoa cuidada, não só por ser este a finalidade de suas profissões, como também pela dependência total [econômica, sentimental, etc.] a que se submeteram).

MAGDA

Quando meu primo Waldir me convidou para morar com ele na Rua General Polidoro, em Botafogo, não fiquei triste nem alegre. Ou fiquei os dois. O apartamento era bom, muito bom, aliás, tinha uma varanda enorme, mas a paisagem era triste: o prédio ficava bem em frente ao Cemitério São João Batista.

Quando a tarde caía e a noite chegava era como se fosse a própria lua, só que cheia de túmulos, cruzes, monumentos grandes e pequenos que tentavam explicar a morte e a vida. Se o tempo ficasse chuvoso, ah, o cemitério virava o cenário ideal para um filme noir, de terror, essas coisas. Era bem triste mesmo.

E ao mesmo tempo era alegre, quer dizer, nos dias de funerais importantes, dava gosto se ver a multidão para lá e para cá, se espremendo para arrumar um lugar privilegiado, as câmeras de TV gravando tudo, os repórteres fazendo entrevista, fotógrafos tirando fotos trepados nos túmulos. A multidão variava para mais ou mais menos se o enterrado fosse um figurão da política ou cantor de música popular, artista famoso de novelas ou de filmes premiados. Por isso, quando fiz o comentário pessimista, que todos fazem sobre morar diante daquela paisagem, Waldir logo retrucou:

– Precisava ver isso aqui no dia do enterro do Ary Barroso. Ele morreu em pleno carnaval, todo mundo na farrá, todo o planeta Terra fantasiado e Ary Barroso morrendo. Só mesmo ele podia escolher o Carnaval para morrer e encher o cemitério de gente de todo o mundo. Parecia o estádio Maracanã em dia de Fla-Flu: veio muito nego de porre, fantasiado, alguns largaram o baile no meio para vir, de copo na mão, dar o último adeus ao Ary Barroso.

– Que, aliás, era gente fina, só tinha um defeito: era mengo doente...

– É verdade. Sabe que até o Carnaval acabar todos os bailes e festas, rádios e TV, começavam a programação tocando uma música dele? Uma coisa!

Assim foi no princípio, depois me acostumei com a paisagem. Até passei a gostar. Para dormi então era ótimo: à noite o silêncio, digamos assim, sepulcral, era o fundo ideal para um bom sono, reparador do cansaço trazido do trabalho. Nos dias de enterro ou de finados dava para ficar apreciando a gente toda se movimentando. Seguindo sugestão de Waldir, arrisquei até a dar uma olhada dos túmulos mais famosos. Tinha muita escultura bonita, muita coisa curiosa para ver, os presentes e a fé que os admiradores depositavam, devotadamente, nos túmulos de seus ídolos, muitas vezes se desmanchando em lágrimas.

Como Waldir morava sozinho fui ficando por lá. Volta e meia reuníamos os amigos para ir ao futebol, comemorar algum aniversário, fazer um churrasco. Muita gente chegou, mas o grupo foi se enxugando e por fim

manteve-se entre seis amigos. Sem misturar as coisas, tudo se fazia para manter a reunião em primeiro plano. Ou melhor, num plano independente. Até para namorar tinha tempo, mas fora dali. Durante as reuniões era comum fazer um churrasco simples, que é coisa fácil de fazer. Em sendo apartamento de homens, era fácil perceber-se a bagunça que ficava a cada reunião. Aí entrava a Magda.

Waldir um dia pediu a uma vizinha que indicasse "uma moça" para fazer limpeza, arrumar, lavar ou passar algumas roupas, vez sim vez não uma comidinha caseira, trivial. Assim foi que conheceu Magda, mais de 1,80m e bochechuda, ruça e de olhos verdes, dentes enviesados e de cor variada, mas competente para o que veio. Resolvia todos os problemas e com o Waldir, sabe-se, não são poucos. Ou melhor, com Waldir tudo era problema. Ainda mais enchendo a casa de amigos tão incompetentes quanto ele, a coisa piorava. Mas Magda nem ligava, para ela tudo o que acontecia ali era natural.

Tomando cerveja na varanda

- comentários sacanas sobre Magda (empregada que Waldir arrumou para fazer tudo), tremenda Raimunda

- depois da oitava cerveja todas as mulheres são Marilyn Monroe

- da cintura para baixo não é de se jogar fora

- botar um travesseiro na cara - contar uma história paralela: fulano conheceu uma fulana que era assim, feinha, de óculos, mas quando a espiou tomando banho, nuazinha, que corpaço!

Do outro que prometeu casar com uma mulher feia para não ser traído, e casou. Mas a mulher era feia só de cara: que corpo! Etc. Isso lembra a história de Carlos que, depois de muito bundear pelo mundo, resolveu escolher como esposa uma feia. "Assim – dizia ele – ninguém vai botar olho na minha mulher". Acontece que tem também aquele velho ditado: "Há sempre um pé para um chinelo velho"... etc.

No escritório tinha uma secretária mal arrumada – a Marilza – era míope, usava aqueles óculos fundo de garrafa, se vestia mal, blusas de manga longa, etc. tão feia que fizeram uma aposta para ver quem encarava. Isto é, quem perdeu teve de encarar. Pois quem perdeu foi o mais invejado. Não foi preciso dizer que Marcelo chegou no dia seguinte se rindo com as paredes. Todos ficaram curiosos e apertaram até que ele contasse tudinho... Quando Marcelo contou o que havia debaixo daquelas mangas longas, saias compridas, a inveja tomou conta de todos e Marilza não teve sossego por alguns anos. Até hoje não se sabe se foi vingança do Marcelo ou se a Marilza deu alguma grana para ele fazer tanto alvoroço.

AS IRMÃS ADELAIDE

Isto não é ficção, acreditem, as irmãs Adelaide existem e podem ser encontradas ali no Clube dos Aposentados do posto 6 jogando buraco ou pontinho quase todos os dias. São cinco irmãs, todas elas viúvas e nenhuma com idade abaixo dos oitenta. A mais velha delas é Izilda de 95 anos. Depois, descendo, naturalmente, vem Marisa de 93 anos. As duas seguintes são Inês e Inezita, gêmeas de 90 anos e a caçula é Mansa que acaba de completar 85 anos.

Quem as vê no clube não faz distinção entre elas e os demais freqüentadores, todos veteranos, aposentados e jogadores de alguma coisa. Alguns homens preferem jogar dama, gamão ou xadrez. Eu fico neste último grupo e prefiro jogar nas mesas que têm uma bonita vista para o mar, embora algumas delas fiquem junto do carteado, onde o resultado das partidas, que geralmente provocam comentários ruidosos e apaixonados, muitas vezes não combina com o ambiente meditativo que o xadrez exige.

Muitas das vezes também somos obrigados a tomar ciência das inúmeras querelas pessoais e familiares, grande parte delas de cunho privado, mas que as mulheres fazem questão de dividi-las entre si e com as amigas, como se isso viesse trazer algum lenitivo ou solução. Foi justamente para uma dessas discussões que tive o interesse voltado depois de ver a mesa das irmãs Adelaide ferver de indignação ao ter a partida interrompida pela filha da mais nova delas, a Mansa.

Teresa, esse é o nome da filha, foi inicialmente admoestada vigorosamente por todas as ias por interromper a diversão das meninas. No entanto, vendo-a terrivelmente nervosa e impossível de ser controlada a não ser que soltasse tudo, ninguém pôde negar-lhe a palavra. A única exigência que fizeram à Teresa é que se recompusesse e moderasse o nervosismo, para que o fato voltasse às fronteiras da família Adelaide. Foi o que ocorreu e Mansa pôde botar lengalenga em ordem, o que me fez ver que tudo se resumia no fato marido dela, depois de aposentado, ter se transformado num mulherengo incontrolável, além de beber em demasia, transformando a convivência em casa num martírio.

É claro que as veteranas estavam cansadas de saber disso e assim não demonstraram surpresa. Como que reunidas num conselho chegaram a uma conclusão rapidamente e o que ouvi entre murmúrios e queixas era que a Mansa agisse da maneira tradicional que a família se comportava em casos como esse. Mansa reclamou, cheia de temor e muito duvidosa:

“Mas já não temos um caso assim há anos, nem sei mais como proceder”.

Izilda, que tinha um porte de chefona, tomou a palavra para impedir que Mansa tratasse o problema de Teresa com descaso e que a sua renúncia em

obedecer ao que havia determinado o concílio descambasse em nova discussão:

“Uma coisa que orgulha a nossa família é que nunca se acovardou diante dos problemas e jamais virou às costas para a violência. Você sabe muito bem o que fazer e vai fazê-lo”.

Mansa abaixou a cabeça para esconder as lágrimas. Depois, apresentando desculpas a todas as irmãs, pediu para se retirar e foi embora com Teresa.

Depois de presenciar esse fato e de ver como ele foi solucionado – pois uma semana após a ocorrência soubemos que Teresa ficara viúva –, passei a me interessar pelas irmãs Adelaide. Depois daquilo uma seqüência de fatos foi me transportando para certas conclusões, que tenho agora de arrumar coerentemente, porque tudo me parece extraordinário e irreal. Senão vejam.

Contar como cada uma das Adelaide matou o marido, partindo da primeira morte “acidental”. Fazer com que primeira morte seja tão acidental quanto à traição de Capitu.

Jamais olhei velhinhas nonagenárias com o mesmo olhar.

FAUSTO

– Tem gente que não devia morrer! Eu falei sem me preocupar com quem estava a meu lado. Estávamos no enterro de Fausto, um grande amigo, pessoa boníssima, desses que todos lamentam quando morre. A minha opinião era ali voz comum. Todos concordariam comigo...

– Esse é um Fausto que não fez o pacto – respondeu o homem de terno que estava à minha esquerda. Como não escolhi interlocutor, a minha exclamação ficou no ar. Olhei para ele sem o reconhecer. Devia de ser um amigo ou mesmo familiar mais distante. Tinha boa aparência, melhor dizendo, aparência saudável.

– Que pacto? A minha pergunta era a mais inocente possível. Depois vi que era assunto que ninguém mais trataria num enterro.

– O pacto da eterna juventude. Não lembra da lenda de Fausto? Quantos romances, contos, poesias, peças teatrais, óperas, já se escreveu a respeito do pacto de Fausto com o demônio. A alma em troca da eterna juventude! Parece que o nosso amigo desprezou o demônio.

– De qualquer modo, respondi passada a surpresa, este Fausto era bem de fazer coisas surpreendentes e maravilhosas. Capaz mesmo de recusar a eterna juventude em troca da alma.

– Outras pessoas, porém, andam loucas atrás do bom diabo para fazer negócio.

– É verdade. Mas esse aí seria bem capaz de desfazer o negócio por saber que sua alma não valia grande coisa. No entanto, tem um espírito grandioso, mesmo que mensurável apenas no restrito círculo de uma vida suburbana, diria até franciscana...

Na falta de outros amigos, a não ser alguns cumprimentos breves, passamos toda a cerimônia juntos, trocando palavras e idéias. Franco, esse era o nome dele, era simpático, inteligente, culto de vários assuntos.

(Continuar sabendo-se: 1) Franco é um dos que fez o pacto 2) O narrador foi levado a fazer o pacto, mas trocou a idéia da “juventude eterna” pelo compromisso de manter viva uma pessoa “que não devia morrer”).

DONA ADÍLIA CENTENÁRIA

Sentada numa cadeira de rodas, que se transformou em suas pernas já faz dez anos quando uma artrose dolorosa lentamente minou e estraçalhou os joelhos, dona Adília Centenária – nota-se bem – procura entender tudo o que ocorre em seu redor.

Estamos aqui reunidos, os amigos, os parentes carnis e afins, apadrinhados, mesmo ex-empregados e vizinhos, justamente para comemorar a centenária dona Luisa, no entanto, caberia bem encaixada aqui uma reflexão sobre essa senhora altiva.

A última imagem que guardo de dona Adília é quase uma fotografia. Uma fotografia que imaginei tirar, mas que a morte não deixou. Ela estava sentada na cadeira de palhinha cochilando, as peças de tricô largadas nas pernas. A bola de lã vermelha que abastecia o pulôver que se formava repousada numa caixa de sapatos.

Entrei na sala silenciosamente e a vi em silhueta refletida na claridade da janela. Os cabelos brancos, líquidos, transparentes, formavam uma nuvem sobre a cabeça pequenina. O rádio de pilhas era mantido ali ao lado para ouvir os noticiários anunciados a cada hora.

Em outra mesinha, do lado esquerdo, havia uma pilha de livros. Eram os romances que dona Adília estava lendo. Depois que suas mãos começaram a tremer ela deixou de lado as palavras cruzadas, o buraco e a composição de quadras rimadas, poesias escritas sobre os filhos, os netos e de quebra sobre a vida imponderável, o tempo que passava transformado numa paisagem de janela de trem.

Agora – como fez questão de anunciar para todo mundo – ela havia passado de vez para os livros, os romances, as memórias. “Já li aqueles doze ali!” – dizia com orgulho. Fico imaginando o quanto de sabedoria está guardada naquela memória centenária, sem chance nenhuma de ser transmitida às outras gerações.

Essa fotografia que não tirei me persegue pela lembrança, fazendo-me recordar de Dona Adília, de conviver lado a lado com a sua presença quase eterna...

TIPO ASSIM, A PAIXÃO (Versão 1)

*Folhas secas, caídas,
ranço dos velhos dias.
A paz beijará a pele,
a paixão não é o fim.
Jorge Boabaid, Destroços*

Orgulhosa da boa ação Thalia me deu o caderno d'O Globo com o regulamento do Concurso Contos do Rio, exigindo com determinação:

– Tio, trouxe isto para você, que gosta, tipo assim, de escrever. Mãos à obra.

Quando Thalia me chama “tio”, melosa, é melhor obedecer. O jornal diz: “Se você gosta de escrever, escreva um conto com o tema A Paixão”. Thalia é jovem, não sabe que a paixão é labirinto sem saída, estreito como o bíblico buraco de agulha. Mas Deus é aventura, o demo um bichinho plantado no ouvido que repete: Não pare! Não pare! Então, nobre destino, vou navegar na onda do Word, sob a vigilância de Thalia e de Einstein, ajudante de tela.

– Thalia, me diz o que é paixão? Ou Paixão entendida como sentimento? Já vês que há um longo caminho a percorrer. O sentimento da paixão é conectado diretamente ao amor, mas se acorrenta aos tentáculos da alma humana. Na minha idade paixão é amor às sobrinhas. – Arrisquei o piropo e ganhei um beijo como quem diz: te vira!

– Conhece René Descartes (1596-1650)? – Ela deu a maior gargalhada do mundo.

– René Descartes (1596-1650)? Peraí! Parece, tipo assim, coisa de enciclopédia. Não bota isso aí...

– Tá bom, Descartes, em As paixões da alma, fixou em seis as paixões fundamentais: admiração, amor, ódio, desejo, alegria, tristeza. Passadas no liquidificador dão origem a todas as outras. O poeta Jorge Boabaid acha que a paixão não é um sentimento, mas chama breve, violenta, capaz de levar ao crime: “A paixão é um pecado capital, como a gula, o desejo, a inveja, indigna de ser chamada sentimento”. Thalia se deitou nos meus ombros impressionadíssima.

– Enfim – perguntou – a paixão é, tipo assim, um sentimento ou não?

– Sim e não. Tem a paixão pelo sexo oposto, dramalhão vulgar, a paixão no que se faz, pelo gosto e no prazer. Minha mãe de 93 anos é apaixonada por leitura e só quer livro de presente. O amor pelo Rio de Janeiro é paixão nascida quando aqui se chega cheio de ideais para transformar o país em modelo de igualdade social, sem discriminação. Essa paixão me custou fugas, cacetadas nas costas, muito gás lacrimogêneo. Salve, salve companheira!

Thalia me abraça sorrindo da indecisão. Da janela vejo uma nesga do mar verde, ondas quebrando na praia. Aproveito e roubo outro beijo: – E você, safadinha, já teve, tipo assim, alguma paixão? – Ela riu o riso jovem das paixões que não ultrapassam as cenas da novela das oito.

– Por que você não escreve a história de Stênio, que quase morre por amor de Ritinha? Agora mesmo vi os dois passarem agarradinhos, tipo assim, trocando beijos apaixonados. Enquanto isso vou tomar um banho...

Stênio, amigo de fé, pedra 90, dividimos segredos, paixão pelas praias, aventuras amorosas, surf na Prainha, peixadas em Grumari e Guaratiba. Apostamos pules no Jóquei, namoramos em Paquetá, repartimos dores, amores e o chope gelado. Muitas vezes fizemos o circuito Jangadeiros, Plaza, Hi-Fi, encerrando o tour na arquibancada do Maracanã, porque ver jogo em cadeira numerada é um saco.

Agora que a calva esfriou a cabeça e os cabelos brancos concedem imunidade, bem que poderia falar sobre minhas paixões da juventude, não as platônicas, como Gardênia, que eu namorava na velocidade do bonde e sim Anália, paixão carnal, pecaminosa, que inaugurou um longo caminho a percorrer entre travesseiros e lençóis. Ou sobre... Francamente, isso não é história para contos e Thalia, ciumenta como é, não vai gostar das lembranças.

No recorte vejo a foto de Néelson Rodrigues cercado de atores, cenógrafos, eletricitistas, gente de teatro. Fico pensando: existiu alguém no mundo mais apaixonado que Néelson Rodrigues? Era apaixonado por tudo que fazia, tricolor doente, escritor doido pela escrita, amante amado pelas mulheres, louco por futebol, explorador da vida conhecida e desconhecida, esquartejador de traumas.

– Este outro aqui – Thalia voltou enrolada na toalha – é Glauber Rocha, baiano louco, apaixonado por cinema, pela terra, pelo Brasil, pela liberdade. Nesta página está o nosso romancista maior, Machado de Assis, desbravador de emoções mais graves que a própria paixão. Veja só quantas paixões, fica difícil parar e pensar sobre qual escrever.

– Ah tio – Thalia me faz carinhos molhados – escreve a história de Stênio ou, tipo assim, alguma coisa do gênero.

Stênio era na verdade um eterno garoto. Transmitia ânimo de viver, era molecão na vida, garoto no estudo, meninão em tudo que fazia, pivete apaixonado por Ritinha. Jamais saberei por que cargas d'água foi virar gente grande. Gostou de Ritinha sem importar se ela era pobre, bancou o casamento, o enxoval, o apartamento. Também, quem iria resistir àquela morena gostosa de olhos azuis? Sim, mulata de olhos azuis, raros e azuis!

O pior foi quando Ritinha, vendo as dificuldades, passou a freqüentar espiritismo. Uma noite chegou trêmula, Stênio a recebeu com o carinho de

sempre, entre abraços e beijos viu Ritinha à beira de um ataque de nervosismo.

– Amor, o que você tem? Está tremendo, branca como alma penada. Já te pedi para não frequentar esses lugares...

– Fui me consultar, o meu conselheiro espiritual disse que vai ter suicídio na família. E não vai ser eu! Completou num grito choroso, o semblante sombrio, correu para o quarto, atirou-se na cama em estado convulsivo que só cessou quando dormiu.

– Pai de santo, macumbeiro, conselheiro espiritual! Stênio saiu xingando tudo.

Stênio ficou matreiro, tomou para si a dívida. Teve de agüentar mil trancos e agora via a família em plena força do trabalho desempregada, agüentando subempregos, Ritinha fazendo bico, acompanhando idosos. Medo do desemprego grassando, pouco salário, muita despesa, o aluguel devorador, a mixaria que sobra. Somente o amor por Ritinha fazia a vida suportável. Sempre ouviu falar de artistas e poetas que se suicidam, mas ele que nunca escreveu ser condenado por um pai de santo de merda?

A cada frase que escrevia, Thalia mordida com comentários, fazia cara feia, dava risadinhas ridículas e assoprava com beijos.

Não sei se é paixão os encontros e desencontros do amigo Stênio, mas seu amor exacerbado por Ritinha, que quase dá em merda, não sai da cabeça. Com as fotografias de aniversários, reuniões, churrascos com amigo, vem a lembrança daquele dia, Stênio arrasado, branco como defunto. Encontramos-nos em Copacabana, domingo gostoso, céu limpo, muito azul, dia quente, gente assim na praia, nos bares, tomando chope, mulheres desafiando a beleza da paisagem, o melhor da cidade e da vida! Ele estava pálido como um tísico poeta romântico.

No balcão do Pigalle – nossa paisagem favorita – pedimos chopes ao Manolo. Ele contou o drama, a situação difícil que estava passando, eterna falta de grana. Qual a saída? Pela voz embargada vi que estava mesmo encalacrado, situação difícil. Respirou fundo tomando o chope gole a gole, admirando a paisagem, as mulheres que passavam, turmas jogando vôlei, frescobol. Thalia saiu para fazer um lanche na cozinha, quando Stênio me dizia:

– Para sobrevivência e felicidade da família, ia assumir a profecia daquele sacana. Vinha te pedir para cuidar de tudo e todos. Minha família é a tua e vice-versa. Mas, tomando este chope geladíssimo, vendo tanta mulher bonita, pensei bem. Que dia, que chope, lembra nossos dias de vagau... Quer saber? Isso não é hora de morrer. O bruxo de merda que arranje outro otário. Manolo mais dois. Saúde moleque!

O chope descia redondo. Admiração, amor, ódio, desejo, alegria e tristeza. Quem não gosta do ser humano, da vida, do local em que está, não se apaixona. O jovem Stênio, o moleque, estava de volta. A paixão não é sentimento fugaz se temos capacidade de entendê-la, vivê-la, nem de escrever sobre o tema. Pedimos mais dois, estupidamente gelados.

Precisa contar o resto? Stênio voltou para casa, proibiu terminantemente Ritinha de freqüentar centro espírita e viveram felizes para sempre. Mas a dúvida fica: o que será a paixão, se o drama de Stênio ressuscitado vai merecer alguma notinha no jornal? Ainda que fosse menor que a reportagem "Taj Mahal - O túmulo de uma paixão".

– Thalia, o conto sobre a paixão está pronto. Quer ler? – Lá veio ela, loiríssima, dois sanduíches na bandeja, olhos verdes, vinho tinto, crítica, feroz, leu e decretou:

– Tio, este conto, tipo assim, não sai nem no jornal do bairro! Vem, vamos comer! – E cheia de dengue me puxou para o quarto. Como diria o poeta: resistir quem há-de?

PÚLCARO ERÓTICO

Carla & Alice, pg. 25

Lucynara, pg. 26

Nininha, pg. 27

Gisele, pg. 28

Anita, pg. 29

CARLA & ALICE

Minha sobrinha Carla costumava vir estudar e fazer pesquisa escolar em casa, para aproveitar as inúmeras enciclopédias que minha mulher tinha pacientemente colecionado fascículo a fascículo, comprados na banca de jornal. Uma paciência que eu, aliás, não tenho, tanto que um dia tive a sorte de ficar viúvo e uma coleção ficou pela metade.

Guardo na estante os fascículos soltos, as primeiras capas, em singela homenagem à minha mulher, que enriqueceu muitas editoras comprando essas bobagens. Se não servisse para estudante fazer pesquisa, seria uma babel de inutilidade.

Carla costumava trazer a colega Alice para estudar junto com ela. Eram duas garotas mais ou menos da mesma idade, entre 14 e 16 anos, por isso costumavam entrar em grandes discussões. Para evitar que a bagunça perturbasse meus devaneios – e vice-versa – transformei o quarto que era do casal numa pequena biblioteca. Assim elas chegavam e se isolavam para fazer seus estudos.

Da sala eu ficava ouvindo a conversa, cujo tom aumentava e diminuía, o que era certo modo de vigiar: se a bagunça ficasse incontrolável eu intervia. Mas isso nunca aconteceu. Um dia de repente me dei conta que estava tudo muito silencioso, anormalmente silencioso. Estranhando fui dar uma espiada pela fechadura, que era o único meio de ver.

As duas estavam estiradas na cama, cercadas de volumes, os livros largados de lado. Carla havia abaixado a blusa de Alice e bolinava o bico do seio dela. Conversavam e riam baixinho. Alice, que estava de frente para mim, vez por outra se abaixava e beijava os seios de Carla.

Não me espantei nem fiz menção de intervir. Esse tipo de curiosidade era bem natural naquela idade. Elas ficaram assim algum tempo, uma mexendo na outra, mas a curiosidade ia levando mais longe. Carla descruzou as pernas e abriu lateralmente a calcinha, para mostrar algo a Alice.

Já estavam bem mais próximas, se abraçando. As carícias passaram para os dedos, para as mãos, para o corpo todo, enquanto os rostos se juntavam, lábios salivados se grudavam. A cada gesto as amigas murmuravam algumas palavras e riam. Os sons passaram do sussurro para a garganta, entremeados da música de bocas molhadas se chupando.

Carla e Alice já estavam recostadas, uma beijando o corpo da outra. As calcinhas foram jogadas para o lado, o que permitia ver as bocetinhas peludas sendo acariciadas e beijadas à vontade, as coxas alvas se contorcendo em cavalgada.

As risadas eram de felicidade...

LUCYNARA

Ouvi o barulho do motor do carro e vozes um pouco alteradas. Discussão de família – pensei. Dei dez minutos para me levantar, fui ao banheiro mijei, escovei os dentes, depois fui preparar café. Lucynara veio atraída pelo aroma recendendo na casa toda. “Café cheiroso”, disse. Vi que ela nem trocou a camisola de seda que, coladinha ao corpo, descia até os pés. Dava pra ver os bicos dos seios salientes. A cara não estava boa, por isso tentei alegrar o ambiente. “Que houve, que cara é essa, dormiu mal?” Demorou um pouco a responder: “Nada, nada. O sacana do teu primo me deu fora”. Fiquei puto. “O que esse sacana fez desta vez?” Ela se admirou da minha veemência. “Acordei esta manhã cheia de tesão, comecei a fazer uns carinhos, não deu a mínima!... Empurrou-me pro lado, se levantou, se arrumou, disse que ia viajar, foi embora”.

Ela pegou a xícara, botou café e açúcar, ficou bebericando. Fiquei chateado mesmo: “Que filho da puta! Se fosse comigo não ia ficar assim”. Cheguei mais perto dela, ainda cheirava a cama. A inhaca de fêmea no cio se misturou ao gosto do café. Fiz uns carinhos por trás, elogiando: “Como pode o cara recusar uma mulher gostosa dessa? Se fosse comigo, que ando num atraso danado, não ficava assim mesmo!” Lucynara nem ligou pra mim. Encostada na pia começou a lavar louças. Aproveitei e fiquei agarrado, alisando o corpo dela. Já que confessou que estava com tesão, não ia reclamar. Através da seda dava para sentir a pele arrepiada.

“Tu estás atrasado mesmo?” Ela falou mais alegre, já rindo. “Eu? Claro que estou. Não estás sentindo?” Meu pau começava a dar sinal de vida. “Estive viajando a semana toda, só pegando poeira na estrada e aturando zémané o dia todo. Mulher que é bom, necas!” Ela se movia no pequeno espaço da pia sem refugar os carinhos. Tirando fora a camisola, tava nuazinha. “Hum, essa seda é tão gostosa que dá impressão que não tem nada embaixo”. Ela se virou para mim, cara a cara. “Não tem nada mesmo!” Enquanto ela falava roubei um beijo. “Aqui é tudo natural, não tem silicone, sutiã, cinta!” E voltou a lavar pratos.

Junto com as carícias fui levantando a camisola aos poucos até a seda se enrolar na cintura. A bunda roliça de Lucynara tremeu quando passei a mão. Depois meti os dedos entre os lábios da boceta e pinchei o clitóris. Lucynara suspirava de olhinho morto. Com as duas mãos, cerquei as coxas pela parte de dentro, puxei de leve. Ela largou de fazer tudo, se apoiou na pia com as duas mãos, abriu bem as pernas, se curvou para frente oferecendo a boceta totalmente exposta para mim.

NININHA

Fiquei puto – mas não muito – quando minha prima viúva deixou a filha Nininha comigo. Recomendou milhões de cuidados com higiene, limpeza e dela exigiu estrita obediência a mim. Claro que aquilo era apenas um teatro que nem eu nem Nininha acreditamos. Por fim, me pediu que fiscalizasse rigorosamente Nininha, desde o banho até a ida dela à escola e foi embora.

– Tá vendo, né? – disse à Nininha quando ficamos sós. Você não sai daqui sem eu te examinar todinha!

Foi um espôrrro mais na má intenção do que para dar moral, mas não pensei que fosse fazer efeito tão rápido. Mal Nininha acabou de tomar banho, veio até o sofá em que eu estava refestelado lendo o jornal bebendo uma cervejinha e disse:

– Tio, vê se estou limpinha.

E, tirando a toalha, simplesmente cruzou as pernas sobre minha cara e depositou sua bocetinha quase imberbe em minha boca, sem o menor respeito. Ficou ali se esfregando por quase um século e só saiu quando senti seu corpo tremer levemente.

Minha prima nem estranhou quando concordei que Nininha ficasse a semana toda.

GISELE

No feriadão da Semana Santa, costumo ir sozinho a Cabo Frio. É ali que eu vou para descansar, comer peixe frito, dar caminhadas e beber chopinhos mal tirados.

Se tiver sorte ganho uma turista mineira dessas que vem acompanhada de filho e babá, enquanto o maridão se mata nas metalúrgicas de Sete Lagoas, nas minas de Itabira.

Esse ano antes de viajar encontrei Gisele na Praça Saenz Peña e ela se convidou para ir comigo. Fiquei pensando na trapalhada: Gisele mal completou 18 anos, não ia querer nada, tava cansada de saber que eu comia a mãe dela e – pra completar – um dia me flagrou me masturbando, enquanto espiava ela tomar banho.

Só não fez escândalo porque ameacei dar porrada...

Por outro lado – ou por isso tudo – não pude recusar.

Arrisquei e não me arrependi nem um pouquinho quando vi Gisele nua na minha frente, os bicos dos seios pequeninos como duas sardas e abaixo do umbigo pentelhos e espaços que cresciam em volume e disparatada beleza.

Ela pegou meu pau e reparei que a safada o tratava como se fossem velhos conhecidos.

ANITA

Eu estava sozinho no apartamento do meu primo Oscar quando Anita chegou. Ela foi companhia para a tia quando ela ficou doente e a acompanhou nos últimos dias, por isso mesmo era conhecida da casa e muito estimada.

Quando falávamos nela Oscar sempre se referia à última virgem. “A Anita me contou que é virgem. Disse que quando fala nisso com as amigas tem vergonha. Hoje em dia – disse ela – ser virgem é quase um insulto”. Anita chegou agitada e ficou nervosa ainda quando soube que Oscar não tinha hora para voltar.

– Posso fazer alguma coisa? (perguntei só por perguntar).

Caminhando para um lado e para outro contou que tinha vindo pegar um dinheiro com o Oscar para uma emergência.

– Bom, disse, tenho aqui algum. Fica com você e depois acerto com o Oscar. E dei a ela as últimas cinquenta pratas que tinha.

Anita pegou o dinheiro, admirada, riu nervosamente balbuciando algumas palavras de agradecimento, com os olhos marejados de emoção.

– Puxa Carlos (Carlos sou eu), estava pensando em 10 ou 20 e você me dá 50! Você é demais! Nem sei como te agradecer.

Eu sei, pensei cá com meus colhões e meus colhões certamente pensaram num cabaço. Mas também pensei que assim era pensar alto demais... Ela circulava pelo apartamento, nervosa, apesar das minhas palavras para acalmá-la e desapareceu lá para dentro. Mais tarde ouvi a voz dela me chamando:

– Carlos, vem cá! Entrei e ela estava deitada na cama de Oscar. Nua.

– Quero te agradecer. Não pensei que você tivesse um coração grande assim.

Meu Deus! Não é que é verdade mesmo? Vou ganhar um cabaço de presente! Logo me veio o medo de machucar aquela coisinha delicada, provocar uma hemorragia, essas coisas.

– Vem, ela disse, tirando minha bermuda.

Pegou meu pau, umedeceu-o com a língua e me chamou para cima dela. Abriu bem as pernas, esfregou o caralho nos lábios da boceta, dirigiu-o com cuidado especial e o fez deslizar macio, redondo, até o fundo, sem qualquer obstáculo.

*ARTE
DE
CRIAR
PERIQUITOS*

Pg.31

ARTE DE CRIAR PERIQUITOS

A Paz reina na terra...

Ao entrarmos na loja de artigos para aves descobri a paixão de Pereirinha por periquitos. Na calçada diante da porta principal, chama a atenção a enorme gaiola cheia de periquitos, os mais variados possíveis, deixando empolgado quem vê. Elogiei a beleza das cores, o talho mavioso das estrias, o desenho das penas artisticamente traçado, a leveza da composição formada, as formas artísticas e a beleza do conjunto.

– Olha quanto passarinho bonito, disse.

– Passarinho não, Aníbal, periquitos, periquitos australianos. Os mais bonitos e inteligentes do mundo. Campeões de todas as raças, em todas as competições!

Ao denunciar minha santa ignorância a respeito de pássaros em geral e dos periquitos em particular, ganhei a primeira bronca de Pereirinha. E ficou claro que a razão do sem razão a outra razão enfraquece, pois enfim, sobre periquitos eu sabia que não sabia nada.

– E não estão nada bonitos – Pereirinha tinha o fito de me abater no ar, em pleno vôo – muito pelo contrário, as lojas costumam tratar mal os periquitos. É uma ave especial, igual gente, melhor, é gente mesmo, beleza inata, expressão divina de Deus. Aníbal, você precisa ir ver os que eu tenho lá em casa. Que boniteza, sim senhor!

Foi assim que tomei conhecimento da fama de criador de periquitos que Pereirinha tinha granjeado. Fomos comprar ração (Alimento, Vitamina, Comida, diz Pereirinha), coisa muito fina, escolhida meticulosamente. Composição, componentes, prazo de validade, tudo examinado, principalmente se era produto transgênico, definitivamente proibido.

– Tem de ser alimentação muito boa, saudável, específica. Estou levando alpiste, xerém de milho branco, aveia, combinados no ponto certo, alguns são importados. Brasileiro, como sempre, só faz porcaria. Se alimentar meus periquitos com qualquer coisa fabricada em fundo de quintal, sem controle de qualidade, mato o coitadinho na hora.

Ao passar pelo verdureiro, Pereirinha seleciona molhos de chicória e espinafre, verdinhos, úmidos, frescos, algumas espigas de milho verde, com os grãos macios ainda em crescimento. Pelo capricho pensa-se numa boa salada, mas são itens da dieta dos periquitos.

– Você precisa ver a farra que eles fazem com a chicória, o milho, o espinafre. Ao contrário do que dizem, não é bom para o periquito comer alface, pois dá diarreia, maltrata o bichinho. Dá-se acelga, chicória, espinafre, que é amargoso e picante, com ferro, vitamina C, só faz bem. Alimento muito

especial, iguaria igual à feita para gente. Quando estão na cria o cardápio é reforçado com cálcio, para os filhotes crescerem fortes.

Pereirinha começou uma lengalenga interminável. É um vasto conhecimento sobre periquitos. Por fim me arrastou pelo cotovelo para ver sua criação. Lá fui. Chega em casa, Pereirinha me empurra direto para a cozinha, dali para a área nos fundos. Ele é aposentado e mora só. Não tendo o que fazer, dizem, Pereirinha se casou com periquitos.

De passagem vejo a pia cheia de panelas, copos e pratos por lavar. Recende o cheiro de cigarro e gordura queimada. Pereirinha escolhe uma panela limpa, põe um bocado de água filtrada, salpica pitadas de bicarbonato de sódio. O cenho se franze, Pereirinha rosna: “Faço isso para tirar o veneno que esses agricultores de merda botam na verdura”. Deixa a chicória e o espinafre de molho e vamos em frente.

– Vem ver a minha família, diz orgulhoso. Muita gente cria periquitos em casa, mas os meus são sem igual. Se você tivesse máquina de fotografar, aposto que ia tirar uns retratos. Ninguém resiste ao colorido, à beleza das penas, ao arco-íris de algodão, à plumagem celestial. Veria como eles, ao se verem fotografados, fazem pose que nem gente.

Atravessamos a sala desviando de jornais velhos, sapatos, meias, cinzeiros, tralha de casa de solteiro. Pereirinha vai ajuntando o que pode aos montes sobre o sofá velho, nos móveis. Fica satisfeito com a arrumação. Ao lado tem uma varanda coberta, cheia de vasos de plantas que cresceram sozinhas e com pouco trato. No outro extremo uma gaiola enorme se destaca no ambiente. “Aqui moram meus entes queridos, casa de gente limpa, asseada que nem a nossa”.

– Que gaiola bonita! Vou de novo pelo caminho errado. O viveiro (fui prontamente corrigido), exceto a sujeira natural dos pássaros, é uma beleza. O alumínio polido brilha. Para aprender a lição o ouço repetir mil vezes viveiro, viveiro, viveiro, tratando a gaiola como algo organizado nos moldes humanos.

– Pode elogiar, não é um lindo viveiro? Verdadeiro palácio. Aqui é a sala, ali são os quartos, suíte com sanitário, nos fundos o ninho. Nota que não se vê sujeira deste lado? É a piscina para o banho diário, os periquitos são mais asseados que muitos de nós.

O viveiro cintila de limpeza. Ao nos aproximarmos, quatro ou cinco casais de periquitos fazem algazarra, pipilam sem juízo algum, trino coletivo, arruaceiro, com o poder da sirene de carro de bombeiro, ambulância, capaz de arrepiar qualquer tímpano. Fico admirado com a variedade de cores. Eles são amarelos, azuis, verdes, cinza-prata ou a combinação dessas cores. Estão sempre aos pares. Faço o elogio da beleza, Pereirinha reage feliz.

– Sabia que você ia gostar. Mas acredita que os periquitos tinham uma só cor? Eram todos verdes, tantos os australianos quanto os brasileiros. Mas a criação científica, uma alimentação apurada e rica, o cruzamento contínuo,

resultaram matizes diferentes, de grande variedade. Hoje as feiras, exposições e campeonatos, distribuem prêmios para os mais bonitos e bem sucedidos cruzamentos. O ineditismo é ponto relevante, a cada ano surge novo matiz, a seleção se torna mais rigorosa, tudo é registrado, as associações têm um banco de dados mundial.

Rendo homenagem emocionada ouvir Pereirinha conversar com os bichinhos, chamar um a um pelo nome, com intimidade, ver como ele se transforma em criança. Acreditem, eles dialogam e respondem, beliscam os lábios de Pereirinha como se beijassem, aproximam-se arriando o cocuruto para ser acarinhado, saltitam para lá, para cá. Uma festa!

– Pega ali a tesoura, por favor, Aníbal. A criação para ser perfeita tem de ser aos casais. Sempre. Porque o periquito é que nem gente. Se deixar o macho solteiro ele vai dar em cima da parceira do outro. E, como nós, são ciumentos, briguentos, agressivos, alguns lutam até a morte.

Vou lá dentro buscar a tesoura, varro o ambiente, os cantos, não acho. Olho a sala toda, os móveis, debaixo dos livros esparramados, garrafas de cachaça, o bar empoeirado. Nada. “Essa tesoura deve estar numa pirâmide do Egito, aqui é que não a encontro”. Pereirinha me ouve e responde: “Vê se não está na gaveta, aí, na de cima”. A gaveta tem de tudo, botão, fita cassete, maço de cigarros vazio, rolha de cortiça, resultado de jogo de bicho, caixa de fósforos e, heureka, uma tesoura.

– Achei! Achei! Gritei como se tivesse alcançado o topo do Monte Everest.

Pereirinha pega uma folha de papel pardo, mais outra, apara as pontas na medida do viveiro. Os periquitos sabem da limpeza, se alojam educadamente na parte superior da gaiola. Ficam observando, os olhinhos espertos, enquanto ele faz a troca, tira a folha que está molhada, suja de cocô, resto de comida, penas. Enquanto trabalha Pereirinha conversa ora comigo, ora com os periquitos.

– Já ouviu falar em ovo atravessado? É ver uma periquita de cabeça arriada, triste, jururu, está de ovo arriado, atravessado. Para a bichinha não sofrer tanto, o jeito é dar um pouco de óleo vegetal, mamona, soja, óleo de oliva é melhor, botam umas gotinhas no bico, outras no cu, para azeitar. Fica boazinha, pode crer, periquito é quem nem gente.

Chega a vez dos alimentos. Os recipientes são retirados, lavados, secos e postos de novo nos lugares. A água dos bebedouros é trocada. “Use sempre água filtrada”. Sou convidado a colocar no viveiro o espinafre, a chicória, que estava de molho, o milho verde. “Bote em locais postos, para não haver disputa”. Lembro que são como gente: se a fome ataca é que vira bicho, dá briga, até morte.

– A periquita sofre igual à mulher. Tem problema de o feto vir atravessado, com os pés para baixo. Mas tem médico que sabe tratar. Às

vezes o criador tem de ser o médico da periquita. Na minha criação só aconteceu com uma fêmea que perdi. Tive de arranjar namorada nova para o viúvo. Deu dó...

Como Pereirinha havia antecipado, a festa dos periquitos é total. Primeiro se enroscam entre as folhas de chicória e espinafre, depois começam a bicá-las com prazer, pulam de um lado a outro, os casais trocam de lugar, uma ou outra vez algum expulsa o invasor que provocou o desequilíbrio na divisão da comida. No demais, tudo transcorre em ordem. Como gente.

– Agora bem que merecemos um cafezinho. Ou uma cachacinha, ou os dois. Daqui a pouco estarão se banhando na piscina. “É aquele o reservatório maior”. Respinga água para todo lado. Chega mais. Vamos lá para dentro. Você lê o jornal enquanto esquento o café, preparo tira-gosto para a cachacinha. Esta é do interior, coisa de primeira. Vamos deixar a meninada se divertindo, como gente.

Enquanto Pereirinha cavouca os trambolhos em busca da cafeteira, sento no sofá entre pilhas de coisas, papéis, objetos indefinidos. O jornal é velho, não leio. Espio o quarto de dormir pelo desvão da porta, na penumbra, a cama desarrumada, travesseiros amassados, lençol jogado para o lado, guarda-roupa com as portas abertas, camisas, cuecas, calças largadas a esmo, uma TV em cores com antena de chifre, um rádio e toca-discos.

– Então, que achou dos meus pupilos? São lindos não são? Gosto tanto deste plantel que vou inscrevê-lo no próximo concurso internacional. A medalha está garantida. No mínimo menção honrosa com medalha e diploma. Periquiteiros de todo o mundo vão se babar, porque o meu elenco tem os melhores conceitos: excelentes dedos e unhas, plumagem exótica, multicor, formação e linhagem nobre. Qualidade de cabeça, balanceamento, máscara, tudo beirando a perfeição.

Fica discorrendo um bocado sobre a arte de criar periquitos. Aceito o cafezinho, recuso a cachaça, mordo uma castanha de caju, depois é hora de ir. Pereirinha me acompanha até a porta, sinto o braço amigo sobre meus ombros, o tema da despedida é o mesmo: periquitos.

– Seria ótimo você montar um viveiro em casa. Vai se sentir bem e terá sempre companhia, alguém para conversar. Ao despertar a periquitada deixa a gente alegre, disposta, pronta para enfrentar as chatices do dia. Verdadeira terapia, pode crer!

Não demonstrei a receptividade e empolgação que Pereirinha esperava. Atravessamos o pequeno jardim tratado com o mesmo desleixe, uma velha roseira que disputa espaço com espada de São Jorge, os papéis trazidos pelo vento brigam com o capim e a hera, para ele é como se todos fossem possuídos de igual beleza.

– Vai por mim Aníbal, não seria mal ter viveiro em casa. Acaba problema de pressão alta, falta de companhia, alguém com quem conviver. Vai se sentir

realmente bem. Ânimo! Se tiver dificuldade, dou todas as dicas e com pouco tempo estará ganhando prêmios. Trocamos um abraço. “Pensa bem na minha sugestão, vai ser ótimo”.

Fico chateado por decepcioná-lo, mas como explicar que mal sei cuidar de mim e, definitivamente, não consigo compreender o ser humano, como poderia tratar e entender periquitos? O portão enferrujado geme, Pereirinha volta para casa, direto ao paraíso. Antes de chegar à esquina ouço Pereirinha falar com seus pupilos, elogiar a beleza das mocinhas, repreender quem abusou do banho e molhou o papel recém trocado. Entre ruídos, beijinhos, sorrisos, um pipilar alegre sobressai: é Pereirinha falando a fala deles – agora ele próprio é periquito.

Os periquitos que Teresa jamais viu...

Com Teresa não foi diferente. Encontraram-se de manhã cedo na padaria. Entre o bom dia e o até logo, Pereirinha convenceu Teresa de ir ver seus periquitos. Foi. Mas em lá chegando sequer passou do quarto. “Mas seu Pereira, isto é jeito de deixar um quarto?”

E começou a azáfama, foi trabalho de dar dó, Pereirinha tentou, mas não foi dispensado: sem um mais nem menos, se viu envolvido no turbilhão de coisas a fazer.

Que periquito que nada! Era dá um pano cá, joga a tralha no lixo, limpos os cinzeiros, traz balde de água, vassoura, escancara a janela, cuidado com a poeira, ordens tais enfim que Pereirinha jamais se deu conta que houvera de ouvir. Não sabia se chorava ou se ria, se negava ou se obedecia, por fim, rendido, abaixou os olhos, se entregou àquela mandona de olhos verdes, cuja voz começava a soar igual uma valsa. Pereirinha sorriu feliz.

– Amanhã volto pra ver os periquitos. Teresa se despediu no portão, deixou Pereirinha numa aflição de dar dó, como namorado de primeira viagem.

A limpeza imaculada deixou-o com medo de entrar no quarto. “Isso que é mulher!”, dizia consigo mesmo ao ver seu quarto em ordem. Achou graça na arrumação, exatamente do jeito que ele mais gosta, o modo de pegar as coisas, a mesma ordem, o cinzeiro no lado direito da cama, o controle da TV, o jornal dobrado, revistas arrumadas em pilha, discos separados por tema.

A janela escancarada deixou entrar um raio de sol que jamais havia visitado tais paragens. Pereirinha viu guardados com carinho tudo sobre sua criação: cartazes das exposições, fotos com amigos, recebendo prêmios, fazendo discursos. O que mais o deixou feliz, de boca aberta, abestalhado como pirralho ante Papai Noel foi ver os quadros pendurados, diplomas, prêmios, menções, recortes de jornais, notícias em revistas, que constituíam a vitória e a glória dos periquitos.

A iluminação natural que invadiu o quarto abalou a imaginação de Pereirinha, que passou a ver tudo como se fosse cena de novela, teatro ou

cinema. Uma magia, um milagre, o paraíso. Aquele contraste gritante entre o quarto e o resto da casa operou um milagre. Pereirinha, lembrando os olhos verdes de Teresa, a voz musical de Teresa, as ordens peremptórias de Teresa, ajoelhou-se em agradecido silêncio, como um cavaleiro andante. O Pereirinha estava apaixonado.

No dia seguinte encontraram-se de novo na padaria, seguiram a rua deserta conversando. Teresa não pôde cumprir a promessa de ver os periquitos. Entrou na casa e mais uma vez não passou do quarto. Arrumou o que estava desarrumado, sem censurar. Elogiou o jeito de Pereirinha manter a arrumação. Pouco tinha a fazer, sentou-se na cama, tomou café, viu Pereirinha adorando-a e mudo. Sentindo-se amada, Teresa arregalou os olhos verdes. Despiu o vestido sépia de flores amarelas e deitou-se. O sol pintou as paredes de ouro, os periquitos fizeram silêncio.

Daí em diante Teresa jamais deixou de encontrá-lo. Todo santo dia faça chuva ou faça sol, vão à padaria, depois de tomar café, voltam juntos para casa. Em caso de desencontro, ela ia direto para casa, entrava no quarto, via o que tinha de fazer, largava os olhos verdes na face púrpura de Pereirinha e se despedia com um sorriso emocionado. “Amanhã volto pra ver os periquitos”. Voltava sempre, mas nunca viu.

Pereirinha sobe aos céus...

A rua inteira acordou com o alarido que vinha da casa de Pereirinha. Eram sete horas da manhã, os periquitos soltavam gritos num coro uníssono. Teresa ia para a padaria, correu, chegou primeiro. Os vizinhos vinham aos poucos, dona Maricota encontrou Aníbal no portão de Pereirinha. O que houve? O que não foi? Ao ver o movimento mais pessoas chegavam. Vamos ver? Vamos saber?

Teresa correu, coração pulando. Outros vazaram pelo jardim abandonado, pisando nas rosas, quebrando as espadas de São Jorge, enterrando capim, até abeirar o degrau da varanda. Foram abrindo a porta, que Pereirinha nunca fechava. Ele nada tinha para ser roubado. Quem iria querer um montão de periquitos que consome toda uma aposentadoria?

Entraram esbarrando na espantosa cena: a sala estava toda tomada. Havia periquito em todo canto, sobre o sofá, na mesinha de centro, voando de cadeira a cadeira, nos espaldares, estantes. Os livros, revistas e jornais estavam picotados pelas avezinhas agitadas e pululantes, sujando tudo, provocando aquele alarido que alardeava pela rua. As aves aproveitavam a porta aberta e circulavam pelo jardim beliscando insetos, sementes de capim.

Na ânsia de chegar ao quarto, Teresa pulava raivosa sobre os pássaros. Não se contendo, gritou “Pereirinha!” Ninguém acudiu. Passou da sala para a cozinha, de revés entreviu o quarto às escuras, no lusco-fusco viu a desarrumação, o corpo de Pereirinha na cama, sobre ele, sobre o lençol, no chão, em cima da cômoda, quantidade inumerável de periquitos. No quarto,

pequeno e fechado, o alarido era mais ensurdecedor. Teresa estancou diante da cena. Chorou.

O silêncio tomou conta de tudo. Ouvia-se a respiração nervosa dos presentes. Teresa fungou chorosa, com os olhos verdes marejados. Uma voz suspirou mais alta: “Coitado!” Dona Maricota se lembrou de botar comida para os bichinhos. Como se tivessem combinado, todos voltavam à gaiola atraídos pelas folhas de chicória. Logo, logo estavam todos trancados nos viveiros. A arte de se alimentar calou-lhes o bico. Ninguém notou Teresa, com as mãos trêmulas, fechar os olhos entreabertos de Pereirinha.

Antes de sair Aníbal tratou de arrumar a casa no que podia, fechou armários, guardou roupas, meteu o lixo no saco plástico. “Deixa que eu cuido disso”, disse Teresa. Pegou uma vassoura e começou a limpar a sujeira. Pontas de cigarro, latas de refrigerante, restos de comida. Fazia as coisas mecanicamente, mas os pés andavam por terreno sobejamente conhecido. Aos poucos a gente foi saindo, deixando Teresa pálida.

Ao lavar a louça nem repara nas lágrimas que caem e se misturam ao detergente.

(Cachambi, Rio de Janeiro, 2002/2003)

O autor

Quem sou eu? Meu nome é Salomão Rovedo (1942), tenho formação cultural em São Luis (MA), resido no Rio de Janeiro. Sou escritor e participei de vários movimentos poéticos nas décadas 60/70/80, tempos do mimeógrafo, das bancas na Cinelândia, das manifestações em teatros, bares, praias e espaços públicos.

Tenho textos publicados em: Abertura Poética (Antologia), Walmir Ayala/César de Araújo-CS, Rio de Janeiro, 1975; Tributo (Poesia)-Ed. do Autor, Rio de Janeiro, 1980; 12 Poetas Alternativos (Antologia), Leila Miccolis/Tanussi Cardoso-Trotte, Rio de Janeiro, 1981; Chuva Fina (Antologia), org. Leila Miccolis/Tanussi Cardoso-Trotte, Rio de Janeiro, 1982; Folguedos (Poesia/Folclore), c/Xilogravuras de Marcelo Soares-Ed. dos AA, Rio de Janeiro, 1983; Erótica (Poesia), c/Xilogravuras de Marcelo Soares-Ed. dos AA, Rio de Janeiro, 1984; Livro das Sete Canções (Poesia)-Ed. do Autor, Rio de Janeiro, 1987.

Inéditos que estou tentando publicar em e-books: Liriana (Contos), O Breve Reinado das Donzelas (Contos), Estrela Ambulante (Contos), O Pacto dos Meninos da Rua Bela (Contos), Ventre das Águas (Romance), Poesia de Cordel - O Poeta é Sua Essência (Ensaio), O Cometa de Halley e Outros Ensaio (Artigos Publicados em Jornais), (Poesia): Pobres Cantares, 20 Poemas Pornôs e 1 Canção Ejaculada, Glosas Escabrosas (Xilogravura de Marcelo Soares), Blues Azuis & Boleros Imperfeitos, Ventre das Águas, Amaricanto, Viola Baudelaireana e Outras Violas, Templo das Afrodites, Amor a São Luís e Ódio, Anjos Pornôs, Macunaíma (Em Cordel).

Outras coisinhas que fiz: publiquei folhetos de cordel com o pseudo de Sá de João Pessoa; editei o jornalzinho de poesia Poe/r/ta; colaborei esparsamente em: Poema Convidado(USA), La Bicicleta(Chile), Poetica(Uruguai), Alén(Espanha), Jaque(Espanha), Ajedrez 2000(Espanha), O Imparcial(MA), Jornal do Dia(MA), Jornal do Povo(MA), A Toca do (Meu) Poeta (PB), Jornal de Debates(RJ), Opinião(RJ), O Galo(RN), Jornal do País(RJ), DO Leitura(SP), Diário de Corumbá(MS) – e outras ovelhas desgarradas, principalmente pela Internet.

Tenho também e-books disponíveis gratuitamente no site: www.dominiopublico.gov.br
Endereço: Rua Basílio de Brito, 28/605-Cachambi-20785-000-Rio de Janeiro Rio de Janeiro
Brasil - Tel: +55 21 2201-2604

Foto: Priscila Rovedo



Este trabalho está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-Compartilhamento pela mesma licença 2.5 Brazil. Para ver uma cópia desta licença, visite <http://creativecommons.org/licenses/by-sa/2.5/br/> ou envie uma carta para Creative Commons, 559 Nathan Abbott Way, Stanford, California 94305, USA. Obs: Após a morte do autor os direitos autorais devem retornar para sua filha Priscila Lima Rovedo.